

## MEMÓRIA CAMPINEIRA (23)

## CAMPINAS NO RELATO DE JAUNAY ( 1865 )

Em 1865 passou por Campinas, com destino a Mato Grosso, a expedição que se celebrizaria pelo desastre da famosa retirada de Laguna. Permaneceu dois meses em nossa cidade. Dessa expedição fazia parte um jovem oficial de engenharia, Alfredo d'Escragnoille Taunay, o qual, agraciado mais tarde com o título de Visconde de Taunay, muito se destacaria na política e nas letras. Foi Senador do Império e presidente de duas províncias, e como homem de letras, um dos fundadores da Academia Brasileira, deixando, em nossa literatura, páginas imortais como romancista e contista. A descrição que fez de Campinas, e que a seguir transcrevemos, consta de seu relatório, publicado originalmente pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e, posteriormente, em livro com o título **Marcha das Forças**. Campinas rendeu homenagem aos expedicionários de 1865, dando o nome de **Heróis de Laguna** a um recanto do antigo Largo de Santa Cruz, exatamente o local onde a expedição esteve acampada. E para celebrar este evento, ali foi erigido modesto, mas expressivo marco. Por outro lado, o nome do Visconde de Taunay ( que, desta maneira se vinculou a Campinas ) foi dado a uma importante rua do bairro denominado Vila Itapura, estendendo-se da Avenida Orozimbo Maia até a Barão de Itapura, bem em frente ao Instituto Agrônômico.

“A cidade de São Carlos de Campinas<sup>1</sup> acha-se situada numa planície acidentada, na latitude austral de 22° e 50' e longitude de 47° e 20' de Greenwich, a 18 léguas NO da cidade de São Paulo: é cabeça de comarca e um dos mais ativos centros de comércio de toda a província.

Campinas foi o primeiro nome. Quando passou a vila, adotou o apelido de seu padroeiro, voltando posteriormente à primeira denominação.<sup>2</sup>

Conta já de oito a nove mil habitantes e vai em rápido adiantamento. Várias casas particulares ostentam aparência luxuosa que contrasta com ruas sem calçamento regular, nem nivelamento. Entretanto, o alinhamento foi algum tanto respeitado, em extensão às vezes considerável.

---

(1) Inexplicável, no autor, a denominação que dá à nossa cidade: **São Carlos de Campinas**. Nunca teve este nome. E ainda mais: quando Taunay a visitou, fazia já mais de vinte anos que o nome **Campinas** havia sido restabelecido.

(2) Aqui o autor incidiu no mesmo erro do Marechal Müller em seu **Quadro Estatístico**: São Carlos nunca foi padroeiro de Campinas. Mas como era hábito a cidade tirar o nome de seu padroeiro, pode-se explicar a confusão.

Em construção existem duas importantes igrejas. Uma delas, a Matriz Nova, tem proporções majestosas, e no interior apresenta um trabalho perfeitíssimo de obra de talha, prometendo vir a ser, quando concluído, um dos mais esplêndidos templos do Império.<sup>3</sup> O vício, contudo, no risco primitivo, e a pouca solidez em paredes de taipa, apesar da enorme grossura, embaraçam a terminação e decoração da fachada, razão pela qual hoje se procura aproveitar o que existe feito, adaptando um plano de reforma parcial. A diversos membros da comissão pediu o administrador daquelas obras projetos e plantas, que prontamente lhe foram ministradas. O perigo no trabalho da taipa já se patenteou: depois, parte da parede da frente desabou, matando alguns operários. Para conclusão da fachada adotou-se um plano misto, com uma só torre; entretanto as obras pararam completamente depois do desastre.

A outra igreja é a do Rosário, no largo do mesmo nome, a qual vai sendo edificada com proporções mais modestas, se bem que conforme as regras arquitetônicas.<sup>4</sup>

A Matriz Velha e a igreja da Santa Cruz são edifícios antigos e acanhados; há cuidado, contudo, no seu interior e nelas se solenizam as festas da igreja com bastante pompa e aparato<sup>5</sup>.

Todos os edifícios, sem exceção, são construídos de taipa com travejamento de madeira peroba e jequitibá e cobertos de telhas. A dificuldade em obter-se pedra para a construção e o transporte difícil e dispendioso para sua condução de longe, obrigam o emprego da taipa, apesar de todos os seus inconvenientes. Entretanto observamos, a duas léguas de distância da cidade, uma boa pedreira nas terras do major Elisiário, de que apenas se utilizam os seus possuidores, extraindo, por processos mecânicos grosseiros e com dificuldade, a pedra naturalmente friável e de pouco préstimo, que se acha à superfície da rocha e nas primeiras camadas.

As praças principais são as das Matrizes nova e velha e do Rosário, todas cercadas de construções mais ou menos regulares, umas concluídas, outras em reparações importantes.<sup>6</sup> O comércio é ativo: os

(3) Trata-se da atual Catedral Metropolitana, que só viria a ser inaugurada em 1883.

(4) A Igreja do Rosário, na época em construção, não mais existe no local indicado, tendo sido demolida para as obras de urbanização na década de 40; a paróquia foi transferida para o alto do Chapadão ( Avenida Francisco José de Camargo Andrade ) onde se construiu novo templo.

(5) A chamada "Matriz Velha", inteiramente remodelada, veio a transformar-se na atual Basílica de Nossa Senhora do Carmo.

(6) As praças denominadas pelo autor de "Matriz Nova" e "Rosário" desde fins do século passado foram batizadas de José Bonifácio e Visconde de Indaiatuba, respectivamente. Todavia, estes nomes nunca "pegaram" no consenso popular. A primeira é denominada simplesmente de Largo da Catedral e a segunda de Largo do Rosário, embora aí não mais exista a Igreja desse nome. Mesmo na propaganda comercial estes nomes populares são indicados, sem qualquer referência aos seus nomes oficiais. A praça da Matriz Velha é a atual Bento Quirino.

produtos do lugar, como café, açúcar, algodão e algum chá, são procurados no mercado do Rio de Janeiro e cotados por preços elevados. A cultura do café tem, sobretudo, grande incremento no município, e avalia-se em 900.000 arrobas anuais, como seu termo médio, tocando 60.000 ao fazendeiro de mais recursos. As outras colheitas importantes equilibram-se, e seis a oito mil é a safra regular. Das outras produções não há dados exatos; sabe-se que a cultura do algodão vai em progresso e deu belos resultados na crise proveniente da guerra civil nos Estados Unidos; a do chá não tem oferecido vantagens e vai sendo pouco a pouco abandonada, apesar de sua carestia em todos os mercados. As plantações de cana têm sido geralmente substituídas pelas de café, continuando, porém, a sua cultura para consumo próprio dos fazendeiros e alguma exportação.

Com a cessação da guerra dos Estados Unidos houve tal e qual arrefecimento na cultura do algodão; entretanto, cultiva-se hoje, não só em Campinas, como em São Carlos de Araraquara<sup>7</sup> e nos distritos de Limeira e São João do Rio Claro. O movimento da estrada de ferro de Santos, no primeiro semestre de 1867 indicava exportação de algodão em fardos quase iguais aos do café. O grande futuro que espera Campinas para imenso desenvolvimento acha-se, entretanto, nas magníficas e extensas plantações de café ainda novas, que hão de elevar em breve ao triplo as fortunas de seus possuidores, permitindo desde já, por essas lisonjeiras previsões, um incremento, em todos os sentidos, e animação que dificilmente se notam nas nossas cidades, ainda mesmo no litoral. O bicho do café ceifou cruelmente nos distritos de Campinas; cessou, porém, completamente, e desde 1864 não tem reaparecido”.

\* \* \*

---

(7) Tendo poucas informações sobre o Oeste paulista, aliás pouco povoado na ocasião, Taunay tomou São Carlos e Araraquara como uma só localidade, ou, talvez, se enganasse, referindo-se ao orago desta última cidade como sendo São Carlos e não São Bento, como realmente o é.